



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil  
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013  
ISSN 1982-3657



## **CONSTITUIÇÃO DO PROCESSO HISTÓRICO-CONCEITUAL DAS RELAÇÕES ENTRE SER HUMANO E MEIO AMBIENTE**

Eliane Terezinha Farias Domingues[i]

Maria Inêz Oliveira Araújo[ii]

**Eixo temático:** Educação, Sociedade e Práticas Educativas

**RESUMO:** Esse artigo é parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida no mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe sob o título: A Educação Ambiental no Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação – CODAP: concepções e práticas. Inicialmente é apresentada a configuração do contexto histórico no qual o conceito Meio Ambiente emergiu, e em seguida é explicitado os conceitos epistemológicos para a compreensão deste, fundamentada na literatura, bem como é apresentado e discutido como os docentes do Ensino Fundamental do CODAP entendem esse conceito. A pesquisa foi realizada com oito professores selecionados por critérios estabelecidos previamente, sendo a entrevista semi-estruturada o instrumento utilizado. Os resultados mostraram que dos pesquisados, dois apresentaram concepção naturalista, três antropocêntrica e três vêem o meio ambiente como complexo. Essa diversidade de entendimentos refletida em suas falas demonstra que o caminho é longo e aos poucos esta sendo construído.

**Palavras-Chave:** Meio Ambiente; Docentes; Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe.

**ABSTRACT:** This article is part of a broader research developed in the master's degree in education from the Federal University of Sergipe under the title: The Environmental Education in Elementary Education from the College Application – CODAP: concepts and practices. The article begins by setting the historical context in which the concept Environment emerged, and is then explained the epistemological concepts for understanding this, grounded in the literature and is presented and discussed as teachers of elementary school from CODAP understand this concept. The research was conducted with eight teachers selected by criteria established in advance, the semi-structured interview instrument used. The results showed that those surveyed, two had naturalistic conception, three are anthropocentric environment as complex. This diversity of understandings reflected in their speech shows that the road is long and gradually is being built.

**Keywords:** Environment; Teachers; College Application Federal University of Sergipe.

### **1 INTRODUÇÃO**

A Educação Ambiental, como processo de socialização do indivíduo, é um instrumento imprescindível para a formação do cidadão consciente do seu papel e da co-responsabilidade para com o meio. A referida educação tem como princípio básico inserir aspectos do cotidiano e do meio ambiente no seu desenvolvimento, instrumentalizando o indivíduo para viver em sociedade. Por essa razão, acredita-se, que sua eficiência começa quando se tem clareza do conceito Meio Ambiente e sua relação com a construção que percebe o ambiente como uma complexa rede de relações. Surge dessa argumentação a seguinte pergunta: Quais as concepções de meio ambiente dos docentes do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe - CODAP

Dessa forma, o artigo ora apresentado, busca fazer um diálogo entre as concepções de meio ambiente que emergem de variadas vertentes epistemológicas que orientam o processo educativo com as concepções de oito docentes da Educação Básica do CODAP previamente selecionados que fizeram parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida no mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe sob o título: A Educação Ambiental no Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação – CODAP: concepções e práticas. Pesquisa essa, de cunho qualitativo e de inspiração fenomenológica, cujo instrumento para coleta de dados utilizou-se da entrevista semiestruturada.

A pesquisa foi realizada no CODAP tendo como justificativa o fato de ser um espaço formal de ensino público federal, considerado de qualidade no estado de Sergipe, oferecendo aos seus alunos o ensino gratuito de nível fundamental e médio, em conformidade com o art. 3º inciso VI da LDBEN nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) que afirma ser um dos princípios fundamentais que regem a educação nacional a “[...] gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais” e o art. 32 que declara ser “[...] o Ensino Fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública”. O *caput* desse artigo foi modificado em 2006 com a promulgação da Lei 11.274 de 06 de fevereiro de 2006 (BRASIL, 2006), quando o Ensino Fundamental passou a ser de nove anos.

O artigo apresenta, também, um recorte histórico situando os fatos marcantes para a institucionalização e consolidação do conceito no mundo e no Brasil, sem com isso desvalorizar outros aspectos inerentes ao tema e que poderiam ser incluídos, na perspectiva de mostrar que houve mudanças no cenário ambiental no qual o conceito emergiu.

## **2 MEIO AMBIENTE: DIFERENTES OLHARES**

O Meio Ambiente é um conceito cuja abrangência vem se ampliando à medida que vai sendo incorporado por diferentes setores da sociedade e áreas do conhecimento com significados e sentidos diversos. Embora, a expressão “meio ambiente” tenha sido usada pela primeira vez pelo dinamarquês Jens Baggesen em 1800 e introduzida no discurso biológico por Jacob Von Uexküll, o Meio Ambiente não constitui propriamente objeto de nenhuma ciência e não é um vocábulo que está restrito à ecologia, apesar de formar com ela um importante binômio (DIAS, 2004).

Desse modo, acreditamos que buscar compreender o conceito Meio Ambiente nos dias atuais é oportuno, pois, percebe-se que o entendimento atribuído a ele desencadeia uma série de consequências e de inquietações, principalmente quando se refere a educação, pois, apesar de ser um tema já bastante discutido, abre-se, a todo instante, espaço para indefinições com relação ao conceito.

Nesse contexto pergunta-se: o que se entende por Meio Ambiente

Para elucidá-lo, vale remeter à relação do homem com o meio desde a pré-história. Naquela época, os seres humanos, na busca pela sua sobrevivência, apoiavam-se nos elementos da natureza, explorando os locais onde permaneciam enquanto havia oferta de caça e pesca. Migravam para outros lugares quando havia escassez de alimentos para a totalidade do grupo. Os deslocamentos proporcionavam condições para o ambiente “se recuperar” das interferências sofridas devido à presença humana. Nesse processo cíclico, as gerações subsequentes não se deparavam com transformações que impeliam a problemas, bem como

ações que se caracterizassem como impactantes aos recursos naturais.

Com o decorrer do tempo, abandonando os hábitos nômades, essas populações fixaram-se num determinado lugar e passaram a desenvolver hábitos para a subsistência, como cultivar a terra e manter a criação de animais cativos. Essa interrelação e interdependência com o meio era íntima, e, as ações não eram obrigatoriamente danosas e prejudiciais ao meio do qual faziam parte.

Tanto é assim que, um exemplo clássico dessa relação é a dos antigos povos indígenas que se percebiam como pertencentes e dependentes das mais variadas criaturas e elementos de seu entorno. A célebre carta do cacique norte-americano Chefe Seathl evidencia a reciprocidade dessa convivência ao afirmar que “[...] Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto fere a terra fere também os filhos da terra” (DIAS, 2004).

Sabe-se, no entanto, que as modificações impingidas por essas populações ao meio ambiente não são comparáveis às alterações provocadas posteriormente, pelos demais seres humanos, quando as cidades foram criadas e as populações passaram a viver em espaços exíguos e a exercer tipos variados de atividades.

As transformações ao longo da história da civilização humana foram acontecendo lentamente em direção a uma infinidade de descobertas, criações, avanços científicos e mudanças nos padrões sociais, provocando diversas alterações, inclusive na concepção de natureza.

Grosso modo pode-se afirmar que a partir da Revolução Industrial em meados do século XVIII, a cultura de dominação e exploração na relação homem-natureza, apoiada na filosofia cartesiana de caráter antropocêntrico intensificou-se e os recursos naturais passaram a ser explorados em grande escala, provocando uma crise ambiental global.

O séc. XX, com a ocorrência de guerras mundiais e regionais em suas disputas por territórios e pelo poder, acirrou a ambição dos países, que continuaram na busca de recursos minerais e orgânicos, com o estímulo do consumo para aquecer a economia de mercado, criando riquezas e induzindo a pobreza, incitando a ganância, a inovação e a esperança, e ao mesmo tempo, impondo o rigor da exclusão e instalando o desespero, desencadeando um processo que perdura até os dias de hoje.

As alterações climáticas, agressões aos ecossistemas terrestres e aquáticos, destruição da camada de ozônio, efeito estufa, constante ameaça à biodiversidade em várias regiões e a degradação do próprio homem são resultantes desse processo.

Vale lembrar que, no condensado espaço de tempo em que transcorreu a Segunda Grande Guerra até a primeira década do século XXI, muitas transformações de valores e conquistas tecnológicas aconteceram. Sucederam-se avanços que perpassam os aspectos médicos, tecnológicos, de transportes e comunicações, desencadeando uma nova interpretação para as distâncias e dimensões do globo terrestre. Ao mesmo tempo, profundas mudanças decorrentes dos conflitos mundiais, apresentaram aos olhos das sociedades o paradoxo existente entre a grandeza e a pequenez da raça humana que habita este planeta (MENDES, 2006).

Derivadas desse cenário, as questões ambientais começaram a emergir com maior vigor como problema. As discussões dos problemas ambientais que até então estavam centralizadas nos especialistas, passaram a fazer parte da vida do cidadão comum que começou a questionar os impactos causados ao Meio Ambiente, sob a alegação da necessidade do desenvolvimento.

Os movimentos ambientalistas ampliaram-se, contando com uma orientação político-social, envolvendo estudantes, artistas, cientistas e ONGs (Organizações Não-Governamentais) – principalmente na Europa e EUA. E um novo entendimento de meio ambiente começou a surgir, superando o simples sentido de espaço natural, para incluir, sob um foco relacional, o próprio homem como parte da natureza e, assim, abrir uma compreensão unitária de ambientes naturais e construídos pelo homem.

Em 1972, com a publicação do livro *Os limites do Crescimento*, baseado num relatório elaborado pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts)[iii] para o Clube de Roma[iv], a socialização das questões ambientais tomou maiores proporções, pois, examinava a complexidade dos problemas que afligiam os povos de todas as nações, trazendo reflexões sobre o dilema Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico, agregando subsídios para a ideia de se promover o desenvolvimento juntamente com a preservação dos recursos naturais. Desde então, a parcela da população que teve acesso a essas informações passou a visualizar o planeta sob um novo olhar, onde os elementos ambientais se tornaram perceptíveis, gerando preocupação (DIAS, 2004).

Fruto desse contexto, inicia-se o caminho inverso ao percorrido até então, uma vez que as relações utilitaristas do homem com o meio passaram a ser questionadas. Germina a ideia de se fazer uma trajetória em direção da promoção de abertura para uma nova relação entre os seres humanos e os recursos naturais, justificando, assim, estudos e pesquisas com o propósito de encontrar alternativas de solução.

Diante disso, consideramos oportuno conhecer e compreender quais são as concepções de Meio Ambiente que permeiam as discussões nos dias atuais sob a perspectiva de diferentes autores, bem como a compreensão desse conceito na voz e no olhar dos professores do Ensino Fundamental do CODAP envolvidos na pesquisa A Educação Ambiental no Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação – CODAP: concepções e práticas, pois, supõe-se, que diante desse entendimento é que se configurará a concepção de Educação Ambiental que embasará sua prática pedagógica.

Desse modo, na “andariagem” pela literatura e nas indagações realizadas foram encontradas várias definições atribuídas ao Meio Ambiente, transitando de uma abordagem naturalista até uma abordagem mais crítica. Mendes (2006, p. 21) coloca que:

Segundo Valenti (1984), o termo Meio Ambiente originou-se da expressão francesa “*millieu ambiente*” utilizada inicialmente por naturalistas e geógrafos, em que *millieu* designa o lugar onde está ou onde se movimenta um ser vivo qualquer, e *ambiente* refere-se ao que rodeia este ser. Sob o aspecto da definição e pela etimologia, ambas as palavras se complementam, sendo que &8213;meio&8214; (latim *Médium*) alude efetivamente ao lugar e ao contexto imediato no qual se encontra ou se movimenta um ser vivo, e &8213;ambiente&8214; (latim *Ambire*) completa a ideia no sentido de designar algo periférico ao sujeito considerado e que o envolve. Destarte, para Valenti, o Meio Ambiente, independentemente do idioma em que se busca a compreensão, é entendido como uma realidade envolvente, um entorno.

Ainda, segundo Mendes (2006, p. 22), o dicionário de ecologia Touffet apresenta o Meio Ambiente como “conjunto de fatores bióticos (os seres vivos) e abióticos (físico-químicos) do habitat, suscetíveis de ocasionarem efeitos diretos ou indiretos sobre os seres vivos e, portanto, sobre o homem”.

Devido à importância que o Meio Ambiente vem ocupando no cenário socioambiental-planetário e aos acontecimentos ocorridos nas últimas quatro décadas, fica evidenciada a necessidade da incorporação do conceito ao vocabulário cotidiano e nos principais documentos e leis vigentes.

Dessa maneira, ao buscar-se uma definição em um instrumento comumente utilizado - Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio - não será encontrada a expressão Meio Ambiente, mas, o autor remetendo ao vocábulo Ambiente, definindo-o como “o conjunto de condições naturais e de influências que atuam sobre os organismos vivos e os seres humanos” (FERREIRA, 1986, p. 1113).

Destarte, é importante que se preste atenção nas legislações governamentais disponíveis, pois, lá também será encontrada uma variabilidade de conceituação. Destaca-se aqui, a apresentada pela Política Nacional

do Meio Ambiente, Lei 6.938 de 02 de setembro de 1981, que, no seu artigo 3º, apresenta o Meio Ambiente como o "conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida, em todas as suas formas" (BRASIL, 1981).

Entendemos que o Meio Ambiente não pode ser estabelecido de modo rígido, como uma definição, nem de modo definitivo, pois, deve agregar tanto os aspectos naturais como aqueles resultantes da atividade humana, sendo necessário entendê-lo como o produto das diversas interações. No entanto, percebe-se, que a abordagem apresentada pelos autores mencionados é naturalista, pois, definem o conceito de maneira simplista, reproduzindo a dicotomia cartesiana entre homem-natureza.

Para Leff (2001), a perspectiva que dá ênfase aos aspectos biológicos e ecológicos das questões ambientais, privilegiando os danos físico-químicos sobre o meio ambiente em detrimento das dimensões político-econômicas, desconsidera os conflitos sociais que estão no cerne dessa problemática. Diz ainda que essa abordagem acaba por induzir uma leitura reducionista das questões socioambientais na medida em que é privilegiado o biologismo, o qual reforça o dualismo na interpretação das relações entre os seres humanos e a natureza.

Esse mesmo entendimento naturalista é evidenciado em concepções de alguns professores do Ensino Fundamental do CODAP.

O Professor 5 ao ser questionado, vinculou o Meio Ambiente à questão de repasse de conteúdos ecológicos através do livro didático:

Meu entendimento de meio ambiente é de tentar passar para os alunos, principalmente, esse conteúdo de Ecologia como já falei antes que a gente passa para o pessoal do 6º ano. É tentar fazer com que o conteúdo que é dado e que tem no livro didático, o qual eles acompanham (sic), pegar parte desse conteúdo e exemplificar de maneira que eles possam ir lá fora e tentar fazer a interação: porque essa árvore está aqui, porque que essa árvore não ocorre em outro local, porque que determinado animal fica aqui andando pelo campus e não é encontrado em outra região, outro Estado e tal [...].

Percebe-se, pois, que a visão simplista de Meio Ambiente, que abarca somente o viés biológico e ecológico, dando uma conotação natural ao que é historicamente e socialmente construído, é reforçada no posicionamento desse professor. Outro ponto importante é a forma como o livro didático perde o papel de recurso e passa a ser o norteador da prática docente, demonstrando que sem esse expediente o professor fica sem norte na sala de aula.

Essa mesma perspectiva naturalista é evidenciada no entendimento do conceito pelo Professor 7 quando diz: "Meio Ambiente é tudo isso que temos aí, o conjunto de fauna, flora e por aí vai".

Aqui, é interessante mencionar as pesquisas de Crespo, realizadas de 1992 a 1997, mostrando as opiniões que os brasileiros têm sobre o Meio Ambiente. Comparando as pesquisas realizadas no período, a pesquisadora afirma que os resultados revelaram que o conceito de Meio Ambiente tornou-se mais abrangente. Entretanto, completa, ainda permanece o predomínio da visão naturalista, já apontada na primeira pesquisa em 1992. Ou seja, para os brasileiros, o meio ambiente continua sendo a flora e a fauna, sem considerar o significado do homem e da sociedade. Contudo, é visível, segundo a pesquisadora, que nesses cinco anos, houve crescimento da consciência ambiental no Brasil e aumentou, também, o número de pessoas interessadas no assunto.

Desse modo, coadunamos com Porto-Gonçalves (1989) quando diz que, na verdade, o conceito de Meio Ambiente, sob o entendimento naturalista, desvinculando-o das suas múltiplas relações, prevalece, como resultado da herança cultural secular, que emergiu da dicotomia entre homem-natureza, sujeito-objeto,

natureza-cultura, estabelecida com o avanço da ciência a partir do século XVIII, impulsionando, desse modo, uma ruptura progressiva entre o homem e seu entorno.

O Dicionário Enciclopédico de Psicologia Silliamy (1980), citado por Mendes (2006, p. 22), apresenta o conceito como:

[...] o que circunda um indivíduo ou um grupo. A noção de meio ambiente engloba, ao mesmo tempo, o meio cósmico, geográfico, físico e o meio social com suas instituições, sua cultura, seus valores. Esse conjunto constitui um sistema de forças que exerce sobre o indivíduo e às quais ele reage de forma particular, **segundo os seus interesses e suas capacidades** (grifos nossos).

Inicialmente tem-se a impressão de que o conceito Meio Ambiente é definido pelo dicionário ancorando-o numa concepção complexa, pois, ao tratar das questões ambientais, ao considerar as intrincadas redes de relações, demonstra indícios de uma transformação social. No entanto, a visão antropocêntrica prevalece ao ser enfatizada a relação utilitarista do homem com o meio, "segundo os seus interesses e suas capacidades".

Essa concepção antropocêntrica de Meio Ambiente que considera a relação homem-natureza de forma desigual, segundo a qual o ser humano é o elemento central dessa relação, enfocando o caráter utilitarista da natureza, também é encontrada no entendimento do Professor 1 quando diz: "Meio Ambiente é o espaço onde a gente vive, seja na escola, sala de aula, minha casa, Planeta, para mim, tudo isso é Meio Ambiente".

O Professor 3 também assume esse viés ao dizer: "Meio Ambiente é o meio onde a gente vive mesmo, então, o aluno precisa entender isso".

A visão antropocêntrica de Meio Ambiente evidenciada nas falas dos Professores 1 e 3, remete a Jesus e Menezes Neto (2010), quando colocam que o homem, ao sentir-se como ser principal da natureza, afasta-se cada vez mais dela, perdendo a percepção das relações de equilíbrio com a mesma, cuja separação se reflete em toda a produção humana e em particular no conhecimento produzido por este modelo existente de sociedade. Conhecimento que, segundo os autores, torna-se fragmentado, empobrecido pela falta de diálogo entre as ciências, não permitindo uma compreensão de ambiente como unidade que precisa ser apreendida de forma integral, para que seja assimilado o equilíbrio dinâmico existente.

No depoimento do Professor 8 essa visão antropocêntrica também pode ser identificada ao vê-lo enfatizar a importância do meio ambiente para a sobrevivência da espécie humana, alinhando a concepção de "usar sem destruir", pois, precisa proteger o ambiente para poder sobreviver, evidenciando a centralidade do homem na relação com a natureza: "O Meio Ambiente é um assunto amplo, porque se você não cuidar com o tempo vai prejudicar todo mundo".

Desse modo, concordo com Araujo e Lima (2010, p.154), quando colocam que a vertente antropocêntrica apresenta "o homem como ser dominador que reconhece a importância do ambiente apenas para a sua sobrevivência"; nesse sentido, a relação dicotômica é bem visível.

Reforçando o posicionamento de Araujo e Lima (2010), Jesus e Menezes Neto (2010) colocam que o sistema capitalista, no qual estamos inseridos, propicia para que ajamos como se fôssemos dominadores e possuidores da natureza, ao invés de favorecer uma relação em que nos sintamos pertencentes e definitivamente vinculados a essa relação; então passamos, muitas vezes, a dominá-la e retirar dela os recursos além do necessário para a sobrevivência, sem atentarmos para o fato de que o meio ambiente está em relação com os aspectos sociais, culturais, econômicos e físicos, enfim, interligado e em constante transformação.

Para Reigota (2009, p. 36), Meio Ambiente é “o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformações da natureza e da sociedade”.

Desse modo, para o autor, o conceito é complexo e está em permanente construção, pois, compreende o meio ambiente como uma “totalidade” por incluir todos os aspectos naturais, as atividades humanas sobre a natureza, a sustentabilidade e a diversidade dos diferentes sistemas biológicos, sociais, culturais, físicos, econômicos, religiosos, filosóficos, etc.

Essa concepção complexa de Meio Ambiente aportada por Reigota (2009), é explicitada pelo Professor 2 com a seguinte fala:

Meio Ambiente é onde todos os seres vivem, em um ambiente, em um espaço, contexto social. Então, eu acredito que às vezes a gente tem a ideia equivocada de que Meio Ambiente seria só a natureza, as árvores, mais relativo à flora. Mas hoje tenho assistido apresentações de trabalhos em Congressos e a gente vê algumas reportagens, apesar de não aprofundar esse tema, mas a gente lê, mesmo que não seja um estudo aprofundado e vê que a compreensão do Meio Ambiente é mais ampla, que envolve os ambientes urbanos, até a questão da urbanização das cidades, aí entra toda essa problemática que surge com o desenvolvimento das cidades que interferem nas questões ambientais.

O professor ao demonstrar conhecer a problemática do crescimento urbano, explicando que essa questão interfere nas questões ambientais, conseqüentemente, no modo de vida das pessoas, uma vez que, todos os seres humanos possuem o direito garantido por Lei a terem acesso a um ambiente saudável, coaduna com o posicionamento de Carvalho (2004) ao considerar o meio ambiente como espaço relacional, em que a presença humana é percebida no tocante à teia de relações social, natural e cultural em que está envolvido.

Corroborando com esse entendimento de meio ambiente complexo, o Professor 4 se posiciona dizendo:

Eu não consigo vislumbrar a sociedade sem a natureza, aqui eu não vou nem tratar como Meio Ambiente que eu até teria várias discordâncias em relação a esse termo Meio Ambiente, porque as pessoas acabam pensando o Meio Ambiente excluindo o homem dessa análise, por isso eu prefiro nunca pensar em Meio Ambiente sem pensar em natureza e sociedade. Aqui para os meus alunos mesmo quando o conteúdo é um conteúdo mais humanizado, mais sociológico, eu sempre tento colocar a natureza como pano de fundo, até porque toda atividade econômica que o homem desenvolve ele precisa utilizar a natureza para tal.

É visível que o posicionamento do professor está pautado nas relações entre todos os seres e nas relações do homem com a natureza física e social. Busca, ainda, incluir em seu discurso, a defesa de que o sistema cognitivo do aluno deve ser ponto de partida para futuras reflexões e ações ao ajudá-lo a perceber que o homem também é natureza e não um ser superior e dominador. Essa percepção é indispensável para o debate das questões ambientais, na medida em que congrega elementos fundamentais que perfazem a totalidade da problemática ambiental, que é complexa.

Esse mesmo entendimento de Meio Ambiente é corroborado pelo Professor 6 ao afirmar que:

A ideia que a mídia passa de meio ambiente é muito mais ligado (sic) aos

aspectos naturais e não meio ambiente também considerando os aspectos sociais, entre outros. [...] O meio ambiente como um todo é o espaço onde estou, onde todos os seres vivem, interagindo, seja biológica ou socialmente.

Essa fala mostra que o professor possui uma base teórico-metodológica crítica ao se referir ao meio ambiente, colocando o ser humano numa relação interdependente, já que, nesta perspectiva, o conceito não se refere apenas aos elementos naturais, sejam eles orgânicos ou inorgânicos, mas como um bem comum, espaço de ação política, incluindo as relações sociais que os homens estabelecem entre si.

Sauvé e Orellana (2001) lembram que o Meio Ambiente é uma realidade tão complexa que escapa a qualquer definição precisa, global e consensual. Para as autoras, mais relevante que se chegar a uma definição, é explorar as suas diferentes representações.

As autoras acrescentam que o Meio Ambiente pode ser entendido como:

Natureza (para se apreciar, para se preservar), entendido como recurso (para se administrar, para se compartilhar), visto como problema (para prevenir, para resolver), visto como sistema (a ser compreendido para se tomar as melhores decisões), como meio de vida (para se conhecer, para ser organizado), entendido como território (lugar de pertencimento e de identidade cultural), abordado como paisagem (para se recorrer, para ser interpretado), como biosfera (onde vivemos junto por ao longo de uma vida), entendido como projeto comunitário (para nos comprometermos) (2001, p. 276).

É evidenciada nessa colocação que as autoras consideram que dependendo do tratamento dado ao Meio Ambiente ter-se-ão ancoradas as diferentes representações para o conceito. Desse modo, por exemplo, quando utilizada à representação de meio ambiente '**visto como problema**', a concepção implícita é que ele está lá para ser resolvido, e, ao mesmo tempo, como o suporte da vida que precisa ser mantida. Assim, para Sauvé e Orellana (2001) nesta proposta, o meio ambiente é entendido como um lugar para ser gerenciado, e a natureza como um recurso ou um grande armazém genético que precisa ser conhecido para ser cuidado.

Reforçando o entendimento de que há uma "diversidade de definições" para o conceito que transitam de sociedade para sociedade, de uma época para outra, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental quando se refere ao tema transversal Meio Ambiente também o apresenta no viés das representações:

Muitos estudiosos da área ambiental consideram que a ideia para a qual se vem dando o nome de meio ambiente não configura um conceito que interesse ou possa ser estabelecido de modo rígido e definitivo. É mais relevante estabelecê-lo como uma representação social, isto é, uma visão que evolui no tempo e depende do grupo social em que é utilizada. São estas representações, bem como suas modificações ao longo do tempo, que importam: é nelas que se busca intervir quando se trabalha com meio ambiente (BRASIL, 1998b, p.21).

Essa compreensão torna-se particularmente especial, quando se tenta entender o campo teórico e político, no qual o conceito emergiu. Assim, ganha espaço na sociedade mediante documentos produzidos por órgãos nacionais e internacionais, os quais demonstram expressiva valorização ao conceito. Se for considerada a velocidade das várias apropriações que o mesmo adquiriu, perceber-se-á que se ampliaram seus espaços de participação.

Considerando essas variações de conceituação, Reigota (1995) realizou um estudo com o propósito de identificar quais as representações sociais dos indivíduos em relação ao conceito de Meio Ambiente e como a sociedade o entende. Vale destacar que para Reigota (1995), a expressão "representações sociais" é definida como senso comum que se tem sobre determinado tema, no qual se incluem os preconceitos, as ideologias e características específicas das atividades cotidianas, sociais e profissionais dos indivíduos. Diz ainda que, em determinado contexto, é uma expressão que se confunde com o sentido da percepção.

Com base na pesquisa, Reigota (1995) agrupou as representações em três categorias distintas: A primeira associa Meio Ambiente exclusivamente aos elementos naturais como o ar, água, solo, fauna e flora. A segunda considera o Meio Ambiente numa perspectiva antropocêntrica, em que o ser humano se considera superior e detentor do direito de usufruir, conforme seus desejos, dos elementos da natureza que se encontram ao seu redor. E finalmente, a terceira categoria, exterioriza uma percepção mais integrada entre os elementos constituintes do meio, incluindo neste, os seres humanos, os quais não se encontram em uma situação de superioridade ou de posse, passando do estado de ser superior para o estado de igualdade, sendo assim, parte do meio. A essa perspectiva, denominou de interação complexa de configurações sociais, biofísicas, políticas, filosóficas e culturais, pois, segundo o autor:

Em transformando o espaço, os meios natural e social, o homem também é transformado por eles. Assim, o processo criativo é externo e interno (no sentido subjetivo). As transformações interna e externa caracterizam a história social e a história individual onde se visualizam e manifestam as necessidades, a distribuição, a exploração e o acesso aos recursos naturais, culturais e sociais de um povo (REIGOTA, 1995, p. 29).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, constata-se que diferentes autores e instituições apresentam definições variadas e de diferentes níveis de abrangência para o conceito Meio Ambiente. Devido a essa considerável dificuldade de se chegar a um acordo, ele é definido de modo diferenciado por especialistas de diferentes áreas do conhecimento, indicando, desse modo, que ainda está em construção e quiçá muito distante de chegar a um conceito decorrente das transformações a que certamente estão submetidas às sociedades e as ciências.

Essa variabilidade de entendimento do conceito também foi verificada nos posicionamentos dos professores entrevistados, haja vista que cada sujeito possui concepções diferentes, sendo resultado da trajetória histórica que depende não só das condições materiais que cercam cada indivíduo, mas, também, de conhecimentos e conteúdos afetivos, éticos, ideológicos, filosóficos que condicionam a própria percepção (grosso modo, significa dizer, atribuir significado às sensações e aos elementos que nos rodeiam).

Os resultados da pesquisa mostraram que dos 8 (oito) docentes pesquisados, 3 apresentaram concepção naturalista, 2 (dois) antropocêntrica e 3 (três) vêem o meio ambiente como complexo. Sendo assim, fica perceptível a diversidade de entendimentos refletida em suas falas. Fica visível também, que o caminho aos poucos esta sendo construído, havendo a necessidade premente que se viabilize uma forma de se introduzir a *consciência ambiental* na população através da educação. Consciência ambiental, aqui entendida no viés da proposta da educação libertadora de Paulo Freire, quando a vincula à apropriação crítica do conhecimento e, por conseguinte, o sujeito assume uma posição epistemológica diante da realidade desmistificada.

Desse modo, ressalta-se a importância de se trabalhar junto aos alunos o entendimento a respeito da complexidade do conceito Meio Ambiente, não apenas em seus aspectos biológicos, mas também nos aspectos físicos, sociais, culturais, éticos, políticos e econômicos, pois, a reflexão, sobre esse ambiente

que não é único e singular, mas plural e heterogêneo, levará a interpretações valiosas que poderão alicerçar saberes, os quais quando incorporados emergirão em atitudes de ação significativas e aprendizados profícuos.

#### 4 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Inêz Oliveira. **A Dimensão Ambiental nos Currículos de Formação de Professores de Biologia**. 209 f. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ARAÚJO, Maria Inêz Oliveira; LIMA, Glaucia da Conceição. Educação Ambiental Formal: I Encontro Sergipano de Educação Ambiental. In: ARAÚJO, Maria Inêz Oliveira; SOARES, Maria José Nascimento (Orgs.). **EDUCAÇÃO AMBIENTAL – o construto de práticas pedagógicas consolidadas na pesquisa de professores em escolas públicas**. Aracaju: Criação, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Brasília: Imprensa Nacional, 1996.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.274 de 06/02/2006**. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Imprensa Nacional, 2006.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 6938 de 02 de setembro de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional de Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Disponível em: < <http://www.lei.adv.br/6938-81.html>>. Acesso em 20 abr. 2010.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 99.274 de 06 de junho de 1990**. Regulamenta a Lei 6938/81 que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente. Disponível [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/antigos/d99274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d99274.htm) > Acesso: 09 set. 2011.

**Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Meio ambiente: vol. 10.3** – Brasília: MEC/SEF, 1998b, 174p.

CARVALHO, Izabel Cristina de Moura. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYRARGUES, P. P. (Org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004.

CRESPO, S. Meio Ambiente, desenvolvimento e sustentabilidade: o que pensa o brasileiro Disponível em: [www.unilivre.org.br/centro/experiencias](http://www.unilivre.org.br/centro/experiencias) Acesso em: 11 nov. 2011.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental, Princípios e Práticas**. 7. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Sonia Meire Santos de Azevedo de; MENEZES NETO, Hernani de Carvalho. Concepção e Práticas Pedagógicas em Educação Ambiental: professores de Geografia nas escolas estaduais do conjunto Eduardo Gomes. In: ARAÚJO, Maria Inêz Oliveira; SOARES, Maria José Nascimento (Orgs.). **EDUCAÇÃO AMBIENTAL – o construto de práticas pedagógicas consolidadas na pesquisa de professores em escolas públicas**. Aracaju: Criação, 2010.

LEFF, Henrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder**. Tradução de Lúcia M. E. Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MENDES, Renato Porto Ribeiro. **Percepção sobre Meio Ambiente e Educação Ambiental: o olhar dos graduandos de Ciências Biológicas da PUC-Betim**. 143 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: < Acesso em: 14

abr. 2011.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os des (caminhos) do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. 2ª ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 2009.

\_\_\_\_\_. **Meio Ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995

SAUVÉ, L.; ORELLANA, I. A formação continuada de professores em Educação Ambiental: a proposta do EDAMAZ. In: SANTOS, J. E.; SATO, M. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos: Rima. 2001. p. 273-286.

---

[i]Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2012); Pedagoga da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Pato Branco desde 1994. E-mail: farias@utfpr.edu.br

[ii]Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (2004); Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental do estado de Sergipe - GEPEASE e pesquisadora da Sala Verde na UFS. E-mail: inezaraujo58@hotmail.com

[iii] É um dos maiores Centros Universitários de Educação e Pesquisa privado do mundo, localizado em Massachusetts-EUA. Quando foi publicado o relatório a equipe era comandada por Dana Meadows.

[iv] O encontro realizado em abril de 1968 na cidade de Roma, reunindo trinta diferentes especialistas (economistas, pedagogos, industriais, humanistas, etc.) para discutir a crise ambiental existente, bem como o futuro da humanidade, ficou conhecido como Clube de Roma.

---

---

